

**Água no Hidrante: a tecnicidade dos Bombeiros do Rio (re)urbanizado em debate no cotidiano da cidade no início do século XX.**

1. INTRODUÇÃO

A Revista da Semana, noticiário do Rio de Janeiro, que surgiu no contexto da modernização do Rio em 1900, de 3 de julho de 1904, traz entre seu noticiário a seguinte manchete: *O Incêndio na Marcenaria Tunes*. Refere-se ao registro da imprensa de um incêndio de proporções consideráveis, que ocorre no antigo prédio onde funcionou o Hotel Nacional, na Rua do Lavradio número 43<sup>1</sup>. Objeto do noticiário da imprensa naqueles dias, este incêndio será motivo de longa discussão técnico-profissional sobre os bombeiros do Rio de Janeiro, estarem ou não adaptados, e capacitados para o combate a incêndios de grande monta na “nova cidade” do Rio de Janeiro, (re) urbanizada.

A partir desse fato cotidiano na história do Rio e do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, apresentaremos neste artigo aspectos sobre a pesquisa que desenvolvo no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal Fluminense, arrolando aspectos da História Cotidiana e do Urbanismo, pelo prisma da necessidade de instituições se adequarem à “nova cidade”, que emerge da transformação urbanística procedida no Rio, no início do século XX. Abordando uma questão técnico-profissional dos Bombeiros: a importância dos hidrantes no processo de combate aos incêndios; e o fato de a cidade ainda não ter hidrantes suficientes para as ações de combate a incêndio, mesmo naquele momento em que a modernização arquitetônica se faz pelos moldes capitalistas, que se mostram bem mais observadores das necessidades de burgueses do que de seus munícipes.

Intrinsecamente relacionado ao noticiário do incêndio analisaremos a manifestação de defesa da destruição promovida pelo referido sinistro, do Coronel Feliciano Benjamim de Souza Aguiar, comandante do Corpo de Bombeiros à época, registrada no Relatório dos Serviços e Trabalhos Efetuados, no decorrer do decênio 1900-1910<sup>2</sup>. Este documento

---

<sup>1</sup>Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional. <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>

<sup>2</sup>Arquivo Geral, do Centro Histórico e Cultural do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro

preservado pelo Arquivo Geral, do Centro Histórico e Cultural do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, traz informações relevantes sobre a quantidade de hidrantes instalados nas ruas do Rio; as instalações de hidrantes em andamento; e as necessidades reais de hidrantes para se combater os incêndios que se manifestavam no Rio.

Portanto, a partir desse fato histórico-cotidiano da cidade estaremos apresentando a discussão sobre a necessária adaptabilidade de instituições administrativas à (re) urbanização da cidade e a importância da leitura histórico-urbanística da cidade sobre aportes diferenciados, na compreensão da construção dos espaços urbanos do Rio de Janeiro.

## **2. O INCÊNDIO E A INFORMAÇÃO: A HISTÓRIA DO COTIDIANO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O URBANISMO**

Veículos da imprensa, de relevante importância para a pesquisa histórico-cotidiana tais como Jornal do Brasil, O Comércio, A Gazeta de Notícias, trazem nas suas manchetes do dia 29 de junho de 1904<sup>3</sup>, o registro do incêndio da Marcenaria Tunes. Tal qual a Revista da Semana, aqueles veículos da imprensa destacam dois aspectos coincidentes: o primeiro refere-se à forma heroica com a qual os bombeiros enfrentaram as chamas que arderam por duas horas e trinta minutos ininterruptamente, relacionando-a com a dificuldade da falta de água; e o segundo a proporção da destruição causada pelo incêndio.

Neste aspecto deve-se registrar que várias são as formas de se ler a cidade, suas características urbanas e sua composição urbana. Não se deve menosprezar a variedade de informações, que as aglomerações citadinas são capazes de produzir e proporcionar, a partir das relações sociais de seus membros, de informações produzidas em épocas contemporâneas e passadas, das instituições que lhes compõem. O objeto de estudo do arquiteto urbanista é variável quantitativa e qualitativamente, deve-se prestar bem atenção

---

<sup>3</sup>Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional. <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>

aos detalhes da e na cidade, quanto a sua formação histórica e urbanística, quando da tentativa de se compreender de onde vem e para onde irá a cidade, enquanto objeto social.

Historicizar o cotidiano tem se tornado um dos instrumentos particularmente importante, sem desmerecimento dos demais instrumentos de análise e codificação da estrutura e análise do urbanismo, para se entender determinados aspectos esclarecedores da configuração de caracteres urbanos tal e qual o conhecemos. Daí vem ganhando espaço importante na elucidação não técnica, mas social, da formação de certos problemas que acompanham a cidade e sua arquitetura o historiador urbanístico, já há algum tempo. A reorganização teórica produzida pelos Annales<sup>4</sup>, a partir da segunda metade do século XX para compreensão do fato social, a partir da História de baixo para cima, nos remete a reler fatos cotidianos ditos comuns, para se dar uma nova dinâmica interpretativa aos fundamentos do urbanismo.

O Rio de Janeiro da primeira metade do século XX é exaustivamente estudado e debatido pela historiografia urbanística, por sua histórica capitalidade (AZEVEDO, 1998), e mesmo assim é possível encontrar em seu cotidiano, aspectos capazes de produzir novos conhecimentos sobre como a Cidade Maravilhosa, outrora excludente, com usos capitalistas do espaço central da cidade, e produtora de condições de vida com moradias precárias, onde trabalhadores apenas buscavam a condição mínima de sobrevivência.

Ao reportar o incêndio a Revista da Semana apresenta uma série de imagens sobre a execução do trabalho de extinção do incêndio pelos bombeiros e também da destruição produzida pelo fogo no prédio, entretanto dá destaque especial a um acontecimento no episódio:

---

<sup>4</sup> Aqui neste artigo nos referimos a Terceira Geração da Escola dos Annales, que era dirigida por Jacques Le Goff, que priorizou os estudos a partir de uma fragmentação ou um policentrismo do projeto de Annales. Houve então o resgate do valor da narrativa e do estudo biográfico. Quando François Dosse faz a crítica a este modelo desperta uma nova visão historiográfica que destacará a necessidade de se fazer a partir dos processos e eventos históricos de pessoas comuns: cotidiano, mulheres, imigrantes, etc.

“ (...) Dispostas as mangueiras e preparados os esguichos foi notada a falta d'água, o que impossibilitou os bombeiros de dar começo aos seus serviços. A demora de 15 minutos que houve na operação para conseguir água, deu causa ao desenvolvimento do fogo que então bastante auxiliado pelo vento que soprava propagou-se pelo prédio inteiro destruindo-o totalmente. ”

No Jornal O Comércio a questão da falta de água para o combate ao incêndio é abordada pelo Sr. Luís Van Erven<sup>5</sup>, Inspetor de Obras Públicas, onde apresenta uma informação técnica na justificativa quanto a falta de água da seguinte forma:

“(…) indo o Inspetor de Obras Públicas em pessoa mostrar ao Comandante do Corpo de Bombeiros, que se o incêndio da Marcenaria Tunes foi aquele desastre que se viu, as 10 horas da manhã de um dia de trabalho, não foi porque faltasse água, mas porque as bombas funcionaram em seco – consequência de não se ajustarem perfeitamente as ligações das mangueiras. A 3 metros da casa incendiada, informou o Sr Inspetor, passa um encanamento de 0,50m de diâmetro, e que na hora do sinistro apresentava 35 libras de pressão, isto é, suficiente, para sem intervenção da bomba pelas falhas das juntas das mangueiras levar água a 24,5m de altura (...)”<sup>6</sup>

Alguns questionamentos então se apresentam diante de nós na compreensão de como esta nova cidade que desde 1902 (BASTOS, 2016) se transformava numa metrópole pelos moldes “haussmanianos”, não apresentava solução para questões de segurança contra incêndios. As instituições administrativas, como o caso aqui analisado do Corpo de Bombeiros, estariam acompanhando o evoluir desta cidade que se

---

<sup>5</sup>Luis Van Erven carioca de Cantagalo, nascido em 1857, engenheiro formado pela Escola Central, exerceu cargos importantes na administração pública, principalmente naqueles idos de reformulação do espaço urbano central do Rio de Janeiro. Tendo sido prefeito do Distrito Federal entre 17 de novembro e 30 de dezembro de 1898, com a renúncia do prefeito Ubaldino do Amaral. Acompanhou deste a sua gênese o projeto das que se processavam no Rio de Pereira Passos.

<sup>6</sup>Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional. <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>

verticalizava e produzia novos espaços? A matéria prima dos bombeiros para combater incêndios, a água, estaria realmente disponível, ou eles não teriam o material técnico-profissional adequado aos novos tempos?

### 3. O COMANDANTE JUSTIFICA AS AÇÕES DESASTROSAS: A BUSCA DA MELHORIA TÉCNICO-PROFISSIONAL

Prática administrativa usual nos primeiros tempos republicanos os chefes de instituições públicas, apresentavam aos ministérios aos quais estavam subordinados relatórios de atividade produtiva e administrativa em períodos decenais. O Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, à época da elaboração do relatório em epígrafe, estava subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, que se encontrava em 1910 sob a gerência do ministro Rivadávia da Cunha Correa. O coronel Feliciano Benjamim de Souza Aguiar comandante dos bombeiros à época do incêndio da Marcenaria Tunes, à época do acidente redigiu um ofício<sup>7</sup> ao ministro Rivadávia Correa onde justificava o poder de destruidor do fogo naquele evento devido à falta de água e de hidrantes suficientes para o efetivo combate ao sinistro. A posteriori, quando redigiu o seu relatório decenal prestando contas das atividades da instituição sobre sua administração o coronel Feliciano, no capítulo sobre hidrantes, inicia seu relato da seguinte forma:

“O serviço bem organizado para extinção de incêndios nas cidades modernas exige como complemento indispensável uma boa rede de fornecimento d’água, com encanamentos cuja pressão mínima constante seja de 80 metros, podendo ser reforçada facilmente quando as circunstâncias imponham a utilização de um volume maior, em casos excepcionais. Além disso é mister estabelecer metodicamente os hidrantes: eles devem existir em todas as ruas por mais afastadas que sejam, sem falhar um só cruzamento como medida de grande economia (...)”<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Arquivo Geral, Centro Histórico e Cultural do Corpo de Bombeiros Militar do estado do Rio de Janeiro

<sup>8</sup> Neste ofício comandante apresenta aspectos que ele como profissional considera importante na execução das atividades de combate a incêndios.

Engenheiro de formação militar no Exército Brasileiro, já republicano, o coronel Feliciano Souza Aguiar, apresenta em seu relatório caracteres claros da mentalidade circulante desde a reforma de Pereira Passos nos idos de 1902, era um intervenção no espaço central do Rio que visava proporcionar usos capitalistas (VAZ, 1994), não podendo causar prejuízos aos investidores e sim “*medida(s) de grande economia*”, como redige o comandante. Apresentando tais posições técnicas o comandante mostra sua preocupação de que, o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal acompanhe tecnicamente a (re)urbanização do Rio (BASTOS, 2016), para que tenha condições de prestar um atendimento adequado a sua municipalidade, evitando assim destruição do patrimônio e vítimas fatais em tais eventos. Reforça o coronel a importância dos hidrantes como instrumento tenaz e eficiente na captação de água para combater os incêndios, propõe ainda em seu relatório

“ (...) Conviria adotar-se para distância máxima entre eles (hidrantes), de um lado e de outro, cem metros, mas de maneira que numa mesma rua formassem uma linha quebrada em zig-zag ficando as projeções das vértices dos ângulos sobre o eixo da rua afastadas de 50 metros.

Vê-se logo a vantagem de semelhante disposição. Primeiramente não há que ter pessoal exclusivamente empregado no conhecimento da posição dos registros em qualquer outro ponto, questão de alguns metros em frente ou aos lados, é certo encontra-los. (...)”.

Sentimos aqui a necessidade de compartilhar nossos anseios sobre as concepções concernentes que atravessam os estudos da cotidianidade da história urbanística em estudos que buscam fortalecer o diálogo valioso e essencial entre as questões da arquitetura técnica da cidade e o processo urbanístico em quanto “questão social”. A historiografia urbanística, que durante algum tempo tratou a cidade apenas como palco das transformações políticas, econômicas e sociais, deve se debruçar sobre questões da cotidianidade, para uma reinterpretação das compreensões das estruturas que delineiam as formas arquitetônicas, os traçados das ruas, os edifícios e os jardins, ações de instituições administrativas, entre outros acontecimentos. Para Reis Filho (1968), a história

urbanística cotidiana é parte de uma análise mais minuciosa que envolve o conjunto da humanidade e exige o método de estudo em escalas que vão do geral ao particular, tanto que ele afirma que:

“(…)A história global da urbanização, a História da urbanização no país que se estuda, que é a escala em que, no mundo contemporâneo, se definem as estruturas de poder e de controle da produção e as relações de classe”. (REIS FILHO, 1968, p.20)

Como então explicar as transformações da cidade do Rio de Janeiro, em seu espaço central, sem associá-lo às micro histórias de seu cotidiano, onde interesses sociais e políticos marcam fases distintas da História da cidade, em práticas de intervenção urbana? Aspectos cotidianos resultantes da transformação do viver, morar e circular, como as questões de segurança contra incêndios, a partir da funcionalidade dos hidrantes e da capacidade profissional dos bombeiros do Distrito Federal, podem nos apontar compreensões inovadoras sobre o urbano e a cidade do Rio.

O coronel Feliciano apresenta ainda neste ponto de seu relatório uma análise técnica onde defende que a ligação direta entre os hidrantes e as bombas de combate a incêndio diminui ao número de duas mangueiras o que evita a possibilidade perda de pressão da água ou escapamentos entre as juntas de um número maior de mangueiras. Neste caso ele, indiretamente apresenta contestação a alegação do Sr. Van Erven, sobre falha dos bombeiros, no incêndio da Marcenaria Tunes. Diz o comandante que “*embora melhorada a rede de distribuição da capital (...), estamos longe de chegar a um serviço perfeito. Há ruas onde os encanamentos são de chumbo com diâmetros de 0,8 e 0,10, outras de 0,25 e 0,30 etc (...), para ele na prática diária de combate a incêndios, algumas vezes se encontrava água na rede, outras vezes não. Diante do que eram necessárias manobras em busca de água “fatigantes e demoradas” que poderia por questão de minutos “ocasionar prejuízos incalculáveis”*”.

Afiançando a competência técnica e profissional de seus comandados o coronel Feliciano faz a seguinte afirmação:

“Para atenuar quanto possível os inconvenientes de tal sistema tem este Corpo organizado o serviço que chamamos de ‘registros’. O alcance da perfeição que atingimos neste particular só pode ser avaliado nos momentos difíceis e nos pontos onde a escassez d’água provem da imperfeição dos encanamentos. Reforçar um encanamento por meio de manobras em pontos muitas vezes distantes de mil metros, se não mais, sob a pressão do tempo, vendo ao longe o clarão crescer, rubro e ameaçador, demanda muita calma, muita perícia e um perfeito conhecimento de toda a nossa complicadíssima rede”.

O discurso apresenta caracteres de confiança em seu pessoal especializado no fornecimento de água para o combate ao incêndio. Treinamento e capacitação técnica aparecem no registro de Feliciano Benjamim de forma objetiva, mas ele também questiona o serviço de manutenção dos hidrantes e das redes de fornecimento de água para os incêndios quando relata que *“A conservação dos hidrantes compete à Repartição de águas e Obras Públicas; mas como há necessidade de utilizá-los cabe a este Corpo, ele tomou a si e diariamente eles são percorridos, limpos e concertados por turmas de bombeiros”*. E, finalmente, o comandante apresenta um quadro demonstrativo da evolução da instalação dos hidrantes na cidade, como vemos a seguir:

QUADRO DEMOSNTRATIVO DO NÚMERO DE HIDRANTES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO<sup>9</sup>

ANOS	EXISTENTES EM 1º DE JANEIRO	COLOCADOS DURANTE O ANO	RETIRADOS DURANTE O ANO	FIGURAM EXISTINDO
1903	1913	10	-	1923
1904	1923	19	-	1942
1905	1942	90	21	2011
1906	2011	190	44	2165
1907	2165	76	5	2236
1908	2236	616	2	2852
1909	2852	38	1	2889

---

<sup>9</sup> Quadro Demonstrativo do número de hidrantes da cidade do Rio de Janeiro entre 1903 e 1910. Arquivo Geral do Centro Cultural Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro.

1910	2889	7	3	2893
------	------	---	---	------

O quadro nos é revelador quando percebemos que a partir de 1904 o número de hidrantes instalados no espaço central da cidade só fez crescer. O relatório do coronel Feliciano Benjamim de Souza Aguiar, pode não ter sido o responsável por este aspecto, mas ele coloca em discussão o fato de que a cidade, através de sua Inspetoria de Obras Públicas, precisa observar a importância dos hidrantes na questão dos combates a incêndios, na prevenção e economia de recursos, que os incêndios consomem ou destroem. Tecnicamente parece-nos que os bombeiros se ajustavam aos novos tempos e à “*nova cidade*” (re) urbanizada.

Mais do que, do ponto de vista da cotidianidade, um incêndio destruidor a mais na cidade do Rio de Janeiro o evento que destruiu a Marcenaria Tunes, abriu uma discussão sobre a capacidade de os reformadores do espaço central da cidade, produzirem segurança aos seus munícipes, e se as instituições, aqui o Corpo de Bombeiros, estariam acompanhando as transformações urbanísticas que se processavam.

Aqui é preciso se ressaltar que se desfaz, toda e qualquer possibilidade de se defender um caráter exclusivamente técnico e neutro para o urbanismo. Ao que, ousadamente, acrescento qualquer possibilidade de entendimento único na história do urbanismo ou da intervenção urbana na cidade do Rio de Janeiro e em outras capitais brasileiras resultantes deste momento inicial do século XX. Além de estabelecer inquestionável vínculo político e filosófico entre as formas de ver e intervir na cidade, a História do Cotidiano Urbanístico deixou nítida a estreita relação entre possibilidades mais para se estudar a cidade. Assim nenhuma leitura das cidades está acabada ou se apresenta em formas ingênuas de interpretação, sendo esta característica uma das matérias-primas da História Social.

Nesse contexto do incêndio de uma marcenaria, no compendio do cotidiano da cidade, encontramos um percurso histórico sobre as ideias políticas e filosóficas que orientam nossa avaliação e interpretação da cidade no campo disciplinar do urbanismo e a continuidade de possibilidades alternativas das práticas urbanísticas. O estudo aqui apresentado tem a intenção de introduzir uma analogia do Rio de Janeiro, neste contexto

de franca urbanização da cidade, que convive com momento de cirúrgicas mudanças no seu espaço.

O que a História do Cotidiano nos revela como evento para a área de estudos urbanos, pode se constituir como referência basilar às transdisciplinaridades do Urbanismo. Pesquisadores com formação acadêmica diversificada, que tem se debruçado nas questões da cidade, pelo prisma de sua sociabilidade, tem descoberto que ideais e posições políticas, afirmam e lastreiam trabalhos teóricos e práticos, mas a cotidianidade precisa de melhor valoração nos estudos acadêmicos (LEFEBVRE, S/D).

É importante que neste trabalho destacamos a cotidianidade, mas também a interdisciplinaridade do que se deve, e se pode estudar na cidade, as intervenções urbanísticas tem transmutado a forma da cidade, então as ideias múltiplas do cotidiano devem ser o caminho elucidador do espaço da cidade, portanto uma narrativa sobre a cidade. Minha crítica se estabelece no ponto de vista de que se entender o urbanismo como um objeto de estudo com configuração acabada, se cometeria o risco de omitir conhecimentos importantes nos seus significados. A questão urbana se estrutura, também, no e pelo conteúdo historiográfico cotidiano, palco de fértil debate político e conflituoso espaço de relações sociais. Acreditamos, então, ser necessário se romper com a compreensão só técnico-mecânica do urbanismo, ou com um “estreitismo” disciplinar, para ampliarmos disciplinarmente os estudos da cidade.

#### **4 – A CIDADE SE VERTICALIZA: A NECESSIDADE DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL DOS BOMBEIROS**

O Centro urbano do Rio de 1904 dava claras demonstrações que era uma cidade que se verticalizava. Casarões dos tempos imperiais iam ao chão, numa acara alusão à forma como se acostumou chamar as reformas: “*bota abaixo*” (BENCHIMOL, 1992). Cortiços eram demolidos para se esquecer ou se tentar esquecer um cotidiano de escravidão e tempos não mais desejados. A Avenida Beira Mar surgia dos escombros e junto com ela prédios mais saltos, para acomodar um novo espaço de negócios burgueses.

O Corpo de Bombeiros do Distrito Federal não poderia cegar-se a esta “verticalização” da cidade. Era preciso se aperfeiçoar as técnicas de combate a incêndios

que resultariam dessas mudanças com características diferenciadas em relação aos tempos imperiais do século XIX. O coronel Feliciano também fez registrar em seu relatório que as mudanças já se processavam no interior da corporação para a devida adaptação técnica no combate aos “*novos incêndios*”. Ele relata no relatório que (...) *o uso diário de equipamentos em incêndios com características diferentes das quais estão os Bombeiros acostumados e com a ação do tempo, o material estraga-se sendo preciso concerto (...)*”. Ao que desde 1904 foram criadas oficinas para manutenção, invenção e aparelhamento de viaturas de forma adequada para se combater os “*novos tipos de incêndios*”.

Manter as viaturas aparelhadas e atualizadas diante das possibilidades de novos sinistros requeria uma atualização técnica de artífices que demandaria uso de pessoal e espaço físico adequado, por isso no interior da Estação Central dos bombeiros foi instalada uma oficina para a realização de tais serviços. De acordo com o registro do comandante:

“Para efetuar esses trabalhos, alguns de natureza muito urgente, dispões o Corpo de oficinas regularmente aparelhadas e serve-se do seu próprio pessoal, aproveitando as praças que têm ofícios e ensinando outras que mostram vocação para esta ou aquela especialidade. Daí resultam pequenas vantagens do ponto de vista econômico e na prontidão com que são realizados todos os concertos e se descobrem novas ferramentas para o combate a incêndio. (...)”.

A cidade e a instituição se modificam, a cidade vertical impõe uma mudança à instituição Bombeiros na sua técnica e aprimoramento na manutenção de seu material e pessoal para os “*novos tempos*” de espaço urbano direcionado aos interesses burgueses. Quando comandante registra: “*ensinando outros que mostram vocação para esta ou aquela especialidade*”, entendemos que é a tentativa franca de superação da limitação técnica começa a se impor diante da “*novidade*” de uma cidade em (re)urbanização como era o Rio de Janeiro dos primeiros dez anos do século XX. É preciso se registrar que o volume e a variedade de material importado liberado pela alfândega do Rio neste ano de

1904<sup>10</sup> fornece importante dado na elucidação da mudança que se processava no Corpo de Bombeiros naqueles tempos.

Diante das considerações elencadas, e diante do pensamento de que o cotidiano passado não deve simplesmente ser conservado e analisado como passado, mas sim um conteúdo histórico urbanístico reconstruído para a apreensão daquele conhecimento como propulsor de estudo da própria História Urbanística, a escolha das escalas de abordagem define, além de um ponto de vista, estratégias e possibilidades de conhecimentos da cidade, assumindo não apenas um papel memorialista descritivo, mas também explicativo (LE GOFF, 1990; LEPETIT, 2001), elucidador das relações que se formataram no espaço urbano do Rio de Janeiro, entre instituições sócio assistencialistas como no caso do Corpo de Bombeiros, no momento de sua reestruturação.

Como um passo consequente dos avanços historiográficos urbanísticos conseguidos, até aqui nas transdisciplinares leituras da cidade, considerando suas especificidades arquiteturais e urbanísticas, como objeto de estudo da história do cotidiano, parece surgir uma oportunidade neste conteúdo de se refletir de maneira mais cuidadosa sobre questões cotidianas, mesmo que isso demande um esforço detalhado de se averiguar em outras fontes, que não as habituais, como no caso da Marcenaria Tunes, fatos próprios de uma reflexão e compreensão da cidade por outro viés.

O que se pretende discutir a partir desta análise, é de aqui se tentar compreender a fenomenologia do cotidiano numa compreensão histórico urbanística, de como os estudos sobre a vida privada ou pública na cidade e das instituições tendem a valorizar, como foco de atenção as ações institucionais, frente as circunstâncias da vida. O historiador urbanista não deve se ater apenas a estrutura do cotidiano, em que os tipos de ações observadas direcionam-se exclusivamente ao seu interior. Há uma diversidade estrutural que deve ser postergada, com o risco de se omitir conhecimento importante do espaço urbano das cidades. Deve-se enfatizar o cotidiano da cidade como espaço de interações

---

<sup>10</sup> Sobre o detalhamento das importações realizadas pelo Corpo de Bombeiros do Distrito Federal ver BASTOS, Afonso Henrique Sant’Ana. **Rio em Chamas: cotidiano dos Bombeiros no contexto da urbanização do Rio de Janeiro (1900-1906)**. São Paulo: Opção Editora, 2016.

humanas concretas, a partir de estratégias individuais de adoção e negociação de instrumentalizações sociais, antecipadamente determinadas por uma instância estrutural que assume o caráter de uma organização: os pequenos mundos do trabalho, associações colaborativas, dia-a-dia dos bombeiros, pessoas que sofrem com as mudanças espaciais da cidade e “*novos tipos*” de incêndios. Numa perspectiva fenomenológica urbanística, vê-se o cotidiano da cidade como um “*mundo de vida*”.

Para Michel de Certeau (2014) a ação cotidiana é a reação contra a unidimensionalidade do mundo, reivindicação do espaço e do valor da particularidade e da individualidade, numa cidade com incêndios em seus edifícios mais verticais, e que carecem, para sua segurança, que a tecnicidade dos bombeiros acompanhe a evolução do espaço urbano.

Agnes Heller (1970) chama-nos a atenção para estruturas citadinas cotidianas, o que considera o “mundo das objetivações”, dentro do qual se dão as ações cotidianas representando um espaço de socialização dos homens urbanos, sobre a qual se acumula o conhecimento humano. A Marcenaria Tunes nos revela uma série de eventos numa espécie de “*efeito cascata*”, que terminam na formação de bombeiros em artífices e inventores, marginalizados no seu conhecimento diante da história tradicional, para que na releitura urbanística ganhem valorização na História Social.

Tadeu Alencar Arrais (2017) analisa o cotidiano como sendo uma síntese geral e particular da cidade. Neste artigo percebemos o incêndio de pano de fundo de nossa análise como uma questão particular da cidade, mas que nos proporciona uma síntese geral, ampla e elucidativa de seu cotidiano. A síntese geral como sendo uma construção de uma imagem geral da cidade onde reproduzimos nossa vida, como por exemplo o incêndio, ou o provável aumento significativo desse, em regiões específicas como a do Centro do Rio, que afetam o viver de forma segura das pessoas; em riscos da segurança, na área em que vivemos, trabalhamos ou circulamos. A síntese particular pressupõe que cada indivíduo constrói uma relação com fragmentos da cidade tais como praças, parques, ruas, cruzamentos, moradias.

Desvendar a cidade sob o prisma da modernização de seu espaço urbano, abstendo-se da discussão relevante das dimensões políticas, capazes de colocar pessoas e projetos

de representação estéticas relativas, nos induz a negar a importância das possíveis apropriações e adaptações do dia-a-dia, corre-se o risco de uma compreensão da cidade como fenômeno social urbano, a cidade pode ser reduzida a apenas um lugar saturado de significações acumuladas, daí a importância de conteúdos hermenêuticos na leitura ou releitura (GADAMER, 1997) das relações internas cotidianas, aqui o que se processa especialmente nos bombeiros como instituição intimamente ligada à História do Rio de Janeiro.

Modernização no âmbito da história urbana, não na visão da história cotidiana ou da história urbanística cotidiana, pode sugerir a reposição de imagens sempre positivas, aliadas aos valores do progresso, construídas com certa linearidade que conduzem a se abster de uma reflexão na investigação ou crítica a esses processos. Sem perceber que a cidade se verticalizava os bombeiros não faziam a autocrítica dos acontecimentos na Marcenaria Tunes. Criando uma ideia de prepotência em que a instituição estaria acima da cidade e dos cidadãos. O inspetor Van Erven abre a discussão sobre a existência de água na rede e em quantidade satisfatória, o que retira da administração da cidade certa responsabilidade pela destruição causada pelo sinistro. Um variado debate se desenvolve para que se compreenda melhor os acontecimentos que esta modernização urbana promove no dia a dia do Rio.

Na Sociologia urbanística, mesmo nas poucas incursões historiográficas, o cotidiano aparece, assim, ou como um tipo de ação, repetitivo e inconsciente, banal, ou como um espaço informe de interação, de percepção fenomenológica de si e do outro. É necessário que o historiador-urbanista pense o cotidiano como uma instância instrumental, mas não se abstendo de que é preciso se esclarecer duas realidades contrapostas e complementares: a permanência e a mudança ou, a relação entre estrutura e ação. Pode-se então conceber o cotidiano das cidades e das instituições a partir de dois ângulos: primeiro como dimensão propriamente temporal como duração sem qualificações; segundo indagando o cotidiano como tempo qualitativo, investigando-se o que compõe esse tempo. Dessa forma talvez possamos entender melhor a necessidade de os Bombeiros estarem qualificados técnica e materialmente para atender as necessidades daquele sinistro da Marcenaria Tunes.

Deve-se também salientar que Agnes Heller (1972) afirma que o cotidiano não está fora da História [do urbano], mas no centro de seu acontecer histórico, sendo “*a verdadeira essência da substância social*”. As ações cotidianas que são objeto da História partem da, e retornam para a vida cotidiana. É o efeito na vida cotidiana que dá importância a um fato histórico. Devemos registrar que Heller não entende o cotidiano como o dia-a-dia. Atividades feitas todos os dias não são necessariamente cotidianas. Para ela também não é sinônimo de vida privada, já que, embora a maior parte das atividades que garantam a reprodução do indivíduo sejam feitas no âmbito privado, não seria correto fazer essa generalização.

Finalmente o coronel comandante faz um registro bem elucidador do quanto se transformava tecnicamente a instituição, preparando-se para a “*nova cidade*”, destacando que os tempos anteriores do Rio não equivalem mais ao momento pelo qual a cidade de 1904 vive seu dia-a-dia. Relatando da seguinte forma:

“A experiência tem demonstrado a utilidade, e as reais vantagens e a economia que resultam dos trabalhos executados nas oficinas do Corpo. Não correspondendo às existentes, montadas alguns anos atrás, as existentes na atualidade, sobretudo tendo em consideração as necessidades correspondentes aos principais serviços e incêndios da cidade, foi organizado em projeto para construção das novas oficinas, tendo muito em consideração o desenvolvimento futuro. (...).

As máquinas das velhas oficinas não poderão ser aproveitadas nas novas. Serão adquiridos maquinismos de modo que a um mínimo de unidades corresponda um máximo de eficiência atendendo-se também a natureza especial dos trabalhos a executar e à homogeneidade do material.”

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro fundado no apogeu do Império, com objetivos específicos de combater incêndios residenciais em chaminés, inseriu-se no cotidiano e na história da cidade. Desenvolvendo uma trajetória de estruturação profissional e militar, a partir da segunda metade do século XIX, a corporação busca se forjar de acordo com o perfil histórico da cidade do Rio de Janeiro.

Daquele Corpo fundado em meados do século XIX, até chegar ao comandante Feliciano Benjamim de Souza Aguiar as mudanças devem ser consideradas e entendidas, de forma a se perceber a montagem de uma Corporação pertencente a uma cidade com características diferenciadas das demais no Brasil. Uma cidade que

Com efeito, durante o II reinado (...) viu crescer não somente sua infraestrutura e população, como também a efervescência da sua vida social e cultural. Foi a época dos salões eruditos e das rodas de literatos das novas confeitarias cariocas, das palestras e discussões públicas sobre temas científicos e artísticos, da inauguração de novos teatros, além de marcar o período de maior intensidade e tolerância na vida política da cidade<sup>11</sup>.

O Rio de Janeiro já por esta época apresentava seu diferencial, de capitalidade, sua prosperidade. O Corpo de Bombeiros com o crescimento da cidade tomou medidas de aperfeiçoamento técnico e projetou mudanças para a cidade nas áreas técnicas e de segurança.

Quando finalmente a República prevaleceu, ela precisava se afirmar, e tal fato passou pelas alterações do espaço urbano, num composto de (re) urbanização da cidade através de mudanças iniciadas no seu espaço central, para se estabelecer novas formas de relacionamento social. A ideia de progresso, que a República propagava, carecia de exemplos práticos, e o Rio tinha um campo fértil para a aplicação das novas práticas arquitetônicas e urbanísticas progressistas.

Quando Rodrigues Alves chegou ao poder, a República reunia as condições necessárias para processar as mudanças, que farão do Rio de Janeiro o modelo de cidade republicana para todo o país. Pereira Passos e Oswaldo Cruz completaram uma tríade de modernização, necessária, sem dúvida, àquela “*cidade pestilenta*”, mas que cobrou das camadas mais pobres e trabalhadoras da cidade a sua parcela de sacrifício.

---

<sup>11</sup>AZEVEDO, André Nunes de. **Entre o Progresso e a Civilização: o Rio de Janeiro nos traços de sua capitalidade**. Dissertação de Mestrado ao Curso de Mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Rio de Janeiro, 1998. Pág. 45.

Se a urbanização significava sossego e tranquilidade para que os barões do café efetuassem seus negócios<sup>12</sup>, o Rio, centro das transações dos cafeicultores, precisava mudar sua aparência, precisava ganhar ares de uma cidade capaz de receber os negociantes, sem as ameaças das doenças epidêmicas, que fazem muitas vítimas. Afinal, o século XX é para o Rio o momento de sua definição institucional e cultural.

Os Bombeiros inseridos neste contexto de mudanças da cidade, não tiveram como se abster das transformações técnico-profissionais, institucionais e estruturais, que a situação requeria, entre elas a formação de uma rede de abastecimento de águas aos hidrantes que será uma das técnicas utilizadas de forma sistemática no combate aos incêndios na cidade, que o evento da Rua do Lavradio nos revelou carecer de aperfeiçoamento de suas estruturas arquiteturais. Remodelou-se e urbanizou-se o Rio, remodelou-se e aperfeiçoou-se o Corpo de Bombeiros. Cidade e Corporação com cotidiano de histórias que se misturaram, como no caso do incêndio destruidor da Marcenaria Tunes.

A chegada do século XX representou para os Bombeiros o final de um ciclo. Passava-se do modelo de Corpo de Bombeiros criado no Império, para um formado por uma administração dinâmica, com equipamentos importados em quantidade maior e qualidade superior, para se adequar aos novos tempos, com o aperfeiçoamento de seu pessoal em suas oficinas, sendo os bombeiros os que assumiram a manutenção da rede de hidrantes, para citar apenas alguns dos aspectos desta “*nova cidade*” e sua relação com a instituição.

A cidade adquiria uma dinâmica arquitetônica, urbanística e estrutural que exigia de seus órgãos públicos modificações substanciais. O Comando da Corporação buscou, no início do século XX, avançar nestas questões técnico-profissionais, para cumprir sua

---

<sup>12</sup>Antonio Edmilson Martins Rodrigues assim define ao que se quer chegar ao se transformar o Rio de Janeiro, para que a ideia de sujeira e fedor sejam afastados totalmente deste ambiente de negócios do café. RODRIGUES, Antonio Edmilson Martin. *História da Urbanização do Rio de Janeiro. A cidade: capital do século XX no Brasil*. IN. CARNEIRO, Sandra de Sá, SANT’ ANNA, Maria Josefina Gabriel (Orgs.) **Cidade: olhares e trajetórias** – Rio de Janeiro: Garamound, 2009.

missão de resguardar a cidade de incêndios e desastres. A diversificação do material e a qualificação profissional começaram a ganhar estrutura, e a República cobrou da cidade do Rio e seus órgãos administrativos uma postura de mudanças.

Referências Bibliográficas

ARQUIVO GERAL DO CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Livros de Ofícios Expedidos dos Anos de 1857 a 1906.

ARRAIS, Tadeu Alencar. Seis Modos de se Ver a Cidade. São Paulo: Cênone Editorial, 2017.

ARRAIS, Tadeu Alencar. Seis Modos de se Ver a Cidade. São Paulo: Cênone Editorial, 2017.

AZEVEDO, André Nunes de. Entre o Progresso e a Civilização: o Rio de Janeiro nos traços de sua capitalidade. Dissertação de Mestrado ao Curso de Mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Rio de Janeiro, 1998.

BASTOS, Afonso Henrique S. Rio em Chamas: cotidiano dos Bombeiros no contexto da urbanização do Rio – 1900-1906. São Paulo: Opção Editora, 2016.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração. Rio de Janeiro, 1992.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HELLER, Agnes. A Sociologia da Vida Cotidiana. Barcelona: Ed.62, 1970.

\_\_\_\_\_. O cotidiano e a História. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In \_\_\_\_\_. História e Memória. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da Unicamp. 1990, p. 535-553.

LEFEBVRE, Henri. A Vida Quotidiana no Mundo Moderno. Tradução Jorge Alvarez. Lisboa: Editora Ulisseia, S/D.

LEPETITT, Bernard. Por uma nova História Urbana. Seleção de textos, revisão, crítica e apresentação de Helena Salgueiro. Tradução de Cely Are. São Paulo: Edusp, 2001.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1550-1720). São Paulo: Pioneira – EDUSP, 1968.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martin. História da Urbanização do Rio de Janeiro. A cidade: capital do século XX no Brasil. IN. CARNEIRO, Sandra de Sá, SANT' ANNA, Maria Josefina Gabriel (Orgs.) Cidade: olhares e trajetórias – Rio de Janeiro: Garamound, 2009.

VAZ, Lilian Fessler. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos – a modernização da moradia no Rio de Janeiro. In Revista Análise Social vol. XXIX, 1994.